

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

XISTO BAHIA	A. A.
LUIZ MURAT	Olavo Bilac.
INTIMA LUZ.	Zalina Rolim.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
A ESTATUA.	Maria C.da Cunha Santos.
MINOTAURO	Ad. Caminha.
AGRADECENDO E COMPRIMENTANDO	Arthur Azevedo.
A PROPOSITO DO CONCURSO	Um dos concurrentes.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X, Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

AFFONSO CELSO

XISTO BAHIA

Tinha eu apenas oito annos quando o vi pela primeira vez, no Maranhão. Conhecemo-nos desde esse temps. Sou seu amigo ha trinta annos. Elle fôra alli levado em 1863 pela empreza Colás & Couto Rocha. Iniciava a sua carreira artistica.

Nasceu na capital da Bahia. Por morte de seu pae, velho e honrado militar, abandonou os estudos em 1857, e empregou-se no commercio. Mas o theatro attrahia-o. Fez-se corista numa companhia lyrica italiana, e mais tarde actor.

Durante dose annos exhibio-se, em todos os generos, nas principaes provincias do Norte, e a pouco e pouco adquirio grande reputação. Em 1875 veio ao Rio de Janeiro, fazendo parte da companhia dramatica de Vicente Pontes de Oliveira. Trazia um nome feito. O publico fluminense confirmou o juizo das plateias do Norte.

No mesmo anno regressou aos « seus dominios », de onde voltou ao Rio de Janeiro em 1881, contratado por Furtado Coelho. Reappareceu no theatro Lucinda aos 29 de Janeiro, representando o papel do velho Fourchambault na peça de Emilio Augier ;

mas a sua verdadeira estreia foi a 2 de Fevereiro, na *Vespera de Reis*, por elle representada pela primeira vez, no theatro São João, da Bahia, em 15 de Julho de 1875.

D'aquelle anno, 1881, para cá, Xisto Bahia tem percorrido todos os nossos theatros. E' hoje, sem contestação, um dos nossos actores mais queridos e festejados.

Muito bohemio. De vez em quando desaparece. Vae por ahi, S. Paulo, Rio de Janeiro ou Minas, pôr em acção o *Romance comico* de Scarron, vagabundeando de logarejo em logarejo, improvisando theatros ; mas, sempre que volta, o publico fluminense faz-lhe muita festa, recebe-o de braços abertos.

Em 1891 abandonou a sua arte, e fez-se empregado publico, graças á protecção do Sr. Dr. Francisco Portella ; mas, com a deposição do primeiro governador do Rio de Janeiro, perdeu em 1892 o modesto emprego que exercia na penitenciaria de Nictheroy, e voltou para o theatro. Faz parte da companhia Garrido.

*

Xisto Bahia é o actor nacional por excellencia. Tem dado, dá e dará boa conta de certos papeis do repertorio estrangeiro, mostrando aptidão em variados generos ; mas o seu forte é a comedia brasileira ; ahi é verdadeiramente inexcedivel. Que o digam as produções de Martins Penna, principalmente o *Irmão das almas* e o *Noviço* ; a *Torre em concurso*, de Macedo ; *Direito por linhas tortas* e *Como se fazia um deputado*, de França Junior ; a *Mascotte na roça*, o *Capadocio*, as revistas de anno, e, sobretudo, a sua esplendida criação do papel de Bermudes na *Vespera de Reis*, criação notavel, completa, sufficiente para fazer a reputação de um artista.

Se tivessesmos um theatro nacional, Xisto Bahia seria o seu mais prestimoso auxiliar. E' um artista nosso, completamente sacrificado á invasão da litteratura dramatica dos outros paizes. Quem o vê tão mal á vontade no Phileas Fogg da *Volta do mundo*, não adivinha nem calcula o que elle vale

nos seus papeis brasileiros, papeis que ninguem até hoje desempenhou com tanta perfeição.

*

Xisto Bahia é também comediographo, poeta e musico. Entre outras, escreveu a comedia *Duas paginas de um livro*, em 3 actos, que foi representada com muito exito no Norte.

Direi também que elle foi um dos mais valorosos soldados da campanha abolicionista, e acrescentarei que tem um grande coração, aberto aos bons sentimentos. Sabe ser amigo, e é um excellente chefe de familia, o que é raro no theatro.

*

Li ha dias a noticia de que Sousa Bastos, que é um empresario sagaz, pretende leval-o a Lisboa, para alli representar a *Vespera de Reis*, *Como se fazia um deputado* e o monologo o *Capadocio*. Essa excursão, se for levada a effeito, será um triumpho para o nosso artista; a plateia de Lisboa não lhe ha de regatear applausos.

*

Hoje que os fluminenses só têm palmas, bravos e aclamações para a divina Sarah, para a Tetrizini, para a Rosa Damasceno, para a Amelia Vieira, para o Brasão e os irmãos Rosa, hoje que se acham nesta capital tantos artistas estrangeiros de primeira ordem, sente-se o *Album* feliz por ter occasião de publicar o retrato do mais brasileiro de todos os actores.

A. A.

LUIZ MURAT

Meu caro Arthur Azevedo. — Que hei eu de escrever sobre Luiz Murat? Publicando o seu retrato, devias apenas transcrever uma das suas estrophes de fogo; isso diria mais que a minha prosa pallida e fria.

Quando o Brazil tiver uma litteratura, quando o homem de letras d'esta terra não escrever mais para um povo de analphabetos, — os que vierem depois de nós não de agradecer-nos este sacrificio nobre, este trabalho ingrato de estar fazendo o desbravamento do caminho entre as assuadas dos imbecis. Nem ninguem nos paga, nem ninguem nos lê. Fazendo arte neste meio de mercantilismo inconfessavel e de politica baixa, provocamos um escandalo tão grande como o dos anjos, que baixaram a Sodoma e tiveram de fugir horrorisados...

Ha dias, estava exposto á vitrine de uma livraria o ultimo numero do *Album*, com o retrato de Luiz Murat. Parou um grupo:

— Quem é?

— Luiz Murat.

— Ah! sim, o deputado... Tem feito bons discursos na Camara...

Olhei com attenção para o grupo. Sujeitos bem vestidos, de physionomia intelligente. Não eram bugres, de olhar idiota, e ancas enfeitadas de plumas. Eram homens civilizados. Sabiam ler. E este nome de Luiz Murat lembrava-lhes apenas um deputado que tem feito discursos na Camara. Quer dizer isto que os olhos d'esses senhores têm passado indifferentemente, pelos jornaes, sobre os versos que o nome glorioso do poeta assigna. Os proprios animaes inferiores, de ouvido bronco, são sensiveis á arte. Mas, na escala dos animaes, não ha nenhum collocado abaixo do homem imbecil.

*

Luiz Murat, cujo retrato publicou o *Album*, não é apenas um grande poeta: é o poeta, cuja obra ficará na litteratura brasileira, fixando uma epoca e definindo una nacionalidade. Porque essa obra, producto definitivo do lyrismo brasileiro, é o remate do trabalho de tres gerações litterarias. Toda a poesia, que fluctuou nos versos brasileiros, veio florecer na alma divina d'este poeta, em torno do qual todos os outros gravitam hoje, astros de pequena grandeza, vivendo quasi exclusivamente da luz do cantor das *Ondas*.

Não cabe nesta columna a critica da sua obra. Gautier, para analysar o Museu do Louvre, teve necessidade de encher um volume de 400 paginas. E cada pagina da obra de Luiz Murat é como a galeria de um museu, onde o visitante é obrigado a demorar-se meia hora pelo menos diante de cada tela, attrahido pelo encanto entontecedor, pela seducção irresistivel da alma do artista, desdobrada pelos productos do seu genio.

Ser poeta, no Brasil, é facil. Ser poeta como Luiz Murat é difficil, porque os seus versos fazem sentir e pensar, transformando-se no seio largo de um mar, em que vêm desaguar todos os rios do sentimento humano. O que lhe dá um valor excepcional e um logar de honra na litteratura brasileira, não é apenas o vigor de colorido e de harmonia com que elle soube fixar nos seus versos a natureza americana; não é apenas esse esplendor do céu que ha nas suas imagens, nem esse barulho e esse perfume vivos de floresta ao pôr do sol, que enchem as suas rimas. O que lhe dá o bastão de marechal da poesia brasileira, é esse poder de fechar dentro da sua poesia toda a alma do homem moderno, todas as suas duvidas, todas as suas esperanças, todos os seus amores, todos os seus desesperos. D'ali a sua influencia sobre os poetas de hoje. Raro o poeta novo em cujos versos não apparece, adulterada por uma imitação quasi sempre mal feita, a poesia de Luiz Murat.

A sua obra não está ainda completa. Agora é que, amadurecido pela idade e pelo estudo, o seu ta-

lento deve produzir o grande trabalho definitivo. Está por escrever o poema da America. E' preciso que á nossa geração, a quem já cabe a honra de haver fixado a característica da litteratura brasileira, caiba a gloria de ter dado á America o seu cantor immortal. Essa tarefa deve ser entregue a Luiz Murat. Só a sua Musa, entre nós, tem envergadura para arcar com a responsabilidade d'esse trabalho glorioso.

Nestas poucas linhas, meu caro Arthur Azevedo, se não fica estudado o poeta das *Ondas*, ficam, ao menos, expressa a admiração que sinto por elle, e manifestada a esperança que tenho de ver o seu nome eternamente ligado á historia da raça americana. Luiz Murat bem sabe que não vive em epoca que o comprehenda e lhe possa pagar, com o applauso e a veneração de todo um povo, o muito que elle tem feito para injectar um pouco de ideal e de arte na vida mercantil e politica d'este paiz. Mas a sua recompensa já está no amor com que escrevem o seu nome os seus companheiros de lettras, e estará na justiça das gerações que vierem depois da nossa.

OLAVO BILAC.

Completando o bello artigo de Olavo, diremos que Luiz Murat nasceu aos 4 de Maio de 1862, na provincia do Rio de Janeiro; é filho do Dr. Thomaz Norton Murat, já fallecido, e de D. Antonia Barreto Murat; é formado em direito pela faculdade de S. Paulo; foi secretario do Rio de Janeiro logo ao iniciar-se o regimen republicano, e um anno depois eleito deputado pelo mesmo Estado.

INTIMA LUZ

A MIMOSA SANTOS

Nem sei como isto foi: sonho? magia?
— Doce clarão, suavissimo lampejo,
Serenos e bom como o materno beijo
Meu coração veio acordar um dia.

Depois, nesse clarão veio a alegria
— Seu luminoso, esplendido cortejo —
E hoje o divino raio bemfazejo
Toda a minha alma, fulgido, alumia.

Não acreditas? Olha me de frente,
E o teu intimo olhar, profundamente
Póde varar-me — lúcido, indiscreto,

Deixa-o que o seio meu abra e reviste:
Nem um recanto na minh'alma existe
Que não aclare este entranhado affecto.

ZALINA ROLIM.

CHRONICA FLUMINENSE

Se as Camaras approvassem esse leonino tratado litterario celebrado entre a França e o Brasil, com certeza deixariamos de ser para os nossos bons amigos parizienses os selvagens que temos sido até hoje; é mesmo possivel que nunca mais lhes fornecêssemos, como até agora, uma soberba galeria de *rastaquouères* para os seus engraçados *vaudevilles*.

Vamos lá! é preferivel ter fama de selvagem, sem o ser, a ser na realidade imbecil. A França quer muito, sem dar absolutamente nada...

Em principio, a propriedade litteraria deve ser reconhecida, e interessa até certo ponto o desenvolvimento das lettras nacionaes, mas *est modus in rebus*: nos termos em que se fez o tratado, a sua approvação seria um erro de politica commercial.

Felizmente o deputado Montenegro deitou os pontos nos is, e as Camaras, ao que parece, não se deixarão levar por sophismas sentimentaes.

*

A proposito de França:

Acha-se ha muitos dias no Rio de Janeiro o celebre geographo francez Elysée Reclus, em volta do qual se tem feito um silencio tumular, que destoa da costumada palrice da nossa imprensa.

Já deixou de existir uma secção, que ahi houve, da Sociedade de Geographia de Lisboa? Que fim levou o Instituto Historico e *Geographico*? Pois não ha quem faça as honras da casa a esse hospede illustre? Elysée Reclus passará despercebido no Rio de Janeiro? Que desgraça!...

*

Agradeço aos editores Magalhães & Comp. o estar lendo, publicados em nitido volume, os primeiros capitulos do *Doutor Pascal*, o ultimo romance de Zola. Esses livros devem ser lidos no original, mas felizmente é bem regular a traducção do Sr. Cancio de Albuquerque.

Aborreceu-me bastante o sinuoso discurso pronunciado em Pariz pelo grande romancista, por occasião de um banquete de estudantes a que elle presidio. Zola mostra-se arrependido de haver tomado a luminosa estrada que percorreu com tanta sobrançeria, e parece renunciar á gloria do seu passado! Quem não descobre ahi uma barretada á Academia?

O engraçado é que, d'antes, o autor de *Germinal* justificava-se, dizendo que a sua candidatura não era pessoal: considerava a sua recepção no Instituto de França um triumpho para a sua escola, — e agora renega essa mesma escola, para ter assento onde aliás não se assentaram Molière, nem Balzac, nem Georges Sand, nem Alexandre Dumas, e nunca se assentarão Goncourt, Daudet e outros!

*

Entretanto, acabo de ler numa folha de Buenos-Aires que um padre ia pregar, na igreja de São Miguel, d'aquella cidade, alguns « sermões para homens ». A entrada no templo estaria vedada ás senhoras; os cavalheiros entrariam pela sacristia. O assumpto d'esses sermões seriam as obras de Zola. Se o Sr. Serafim José Alves os apanhasse, editava-os, e com estampas !

*

A Morte concedeu *habeas-corporis* a Timotheo Freire, o assassino indigitado de Maria de Macedo. O desgraçado compareceu diante da justiça divina, o que foi um allivio para a humana, que andava seriamente desnordeada pelas inauditas e inesperadas peripecias do espalhafatoso processo

A Morte — eis ahi uma grande solução. Estou convencido de que outra não deseja Cornelius Herz, um dos heróes do Panamá, que ha mezes agonisa em Londres, com dous agentes da policia franceza de guarda aos pés da cama.

*

Estou saboreando um bello charuto do Rio Grande do Sul.

Sim, meus senhores, do Rio Grande do Sul ! Pensaes acaso que na terra de Bento Gonçalves só ha carne de xarque e guerra civil ? No Rio Grande do Sul ha tambem charutos, magnificos charutos da fabrica Boock & Comp., que atira ao mercado nada menos de duzentos mil diariamente, manipulados com tabacos de Havana, da Bahia e do proprio Rio Grande, por tresentos operarios, que naturalmente têm o bom senso (honra lhes seja !) de não pertencer ao partido castillista nem ao partido federalista.

Os excellentes charutos da fabrica Boock vêm acondicionados em elegantes caixinhas, cujos letreiros, impressos em idioma hespanhol, não dizem que elles sejam de Havana, mas tambem não affirmam que sejam feitos no Brasil. Porque ? Pois a nossa pobre industria está eternamente condemnada ao rotulo estrangeiro ? Por ventura não nos é dado ganhar dinheiro sem alienar a nossa nacionalidade ? Peço que leiam as considerações que fiz, a esse respeito, num artigo inserto no *Diario de Noticias*, da Bahia, o qual vem transcripto precisamente neste numero do *Album*.

Dos milhares de charutos despejados no mercado pela fabrica Boock, os representantes d'esta, Srs. Emilio de Barros & Comp., mandaram me cincoenta (só cincoenta !), que tenho apreciado devéras, evitando, com uma estrategia digna do general Silva Tavares, a approximação dos « filantes ». Agradeço, reconhecendo que, se o Rio Grande do Sul nos manda constantemente desagradaveis noticias, envia-nos, em compensação, magnificos charutos. Em ambos os casos faz-nos fumar.

A.

A ESTATUA

Aquella estatua esplendida e formosa,
Magistral, imponente e deslumbrante,
De uma heroína antiga e triumphante
Tem a forma divina e graciosa !

Mas essa estatua bella e fascinante,
Que arrebatava e se ostenta magestosa,
Foi talhada na phase venturosa
Em que o artista, a sorrir, se fez amante.

Por isso é que essa estatua enregelada,
Que não tem alma e que não tem calor,
Sendo incapaz de amar ou ser amada,

Nos parece sentir com louco ardor,
Pois cuida vel-a e ouvil-a, apaixonada,
Arfante o seio, suspirar de amor.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

MINOTAURO

A'quellas horas, cinco da tarde, reinava, como de costume, santa paz no pequeno e silencioso jardim de Cypriano Gouveia, no Engenho Novo.

As plantas dormitavam immoveis, pendidas as folhas numa como indolencia morbida. O ar estava parado, não bolia uma folha, e o céu tinha o turvo aspecto precursor das trovoadas.

As bellas roseiras, podadas na vespera, lá estavam esquecidas ao pé do muro, quasi mortas, sem a opulencia triumphal das rosas no mez de Maio. As timidias violetas, de um roxo tenro e melancolico no seu ascetico recolhimento de monjas ideaes e microscopicas ; os jasmims do Cabo, de uma brancura immaculada, engrinaldando trechos de gradil ; os rezedás, os bogarys, as begonias, todas as flores segredavam tristeza na sua mysteriosa linguagem muda.

Gouveia dera-se ao luxo confortavel de habitar um pittoresco chalesinho, em S. Francisco Xavier, claro e alegre como um viveiro de passaros, abrindo para as montanhas friorentas da Tijuca, pintadinho de fresco, sem visinhança, com jardim e repuxo.

Havia exactamente um mez que elle morava alli, « naquelle ninho de beija-flor », mais a sua Nicota.

Poucas pessoas se lembravam de os procurar naquelle remoto eremiterio, calmo e sosegado, aonde mal chegavam as acclamações dos sportistas em dia de *grand-prix* no Jockey-Club.

Cypriano não gostava de ruidos, detestava os centros populosos, nascêra para o silencio, para o amor discreto extramuros, para a quietação estagnada dos suburbios. Embirrava solemnemente



XISTO BAHIA

com a rua do Ouvidor, por onde nem sequer passava ao voltar da repartição ; preferia viver mais a Nicota em qualquer logarejo fóra da cidade, lendo systematicamente o seu romance nas horas vagas, ouvindo tocar piano. O seu ideal era precisamente este : ter uma esposa honesta e uma vida sem cuidados domesticos, possuir o menor numero possível de amigos. e, sobretudo, não facilitar á Nicota, « esse anjo de candura », o ruidoso convivio social, tão arriscado para a honestidade feminina nos tempos que correm.

— Não é assim, Nicotinha ? dizia elle com meiguices de marido feliz. Antes evitar que curar...

E atirava-se com attitudes nababescas na cadeira de vime, saboreando seu rico charutinho *Regalia de la reina...*

Ultimamente, depois de sua nomeação de official de secretaria, pode-se dizer que entoava o *hymno triumphal do amor!*

Vivia feliz, extremamente feliz, economizando o pouco que lhe rendia o emprego, sem avareza...

Uma vida quieta, monotona, esquecido do passado e do futuro, bem humorado sempre, babando-se pela Nicota, que elle, coitado, na sua myopia de homem inexperiente, adorava de toda a alma.

Tinha um amigo intimo, apenas um, o Luiz Bandeira, um rapagão que enriquecera na Bolsa, á força de transacções vergonhosas, sujeito mettido a amator de cavallos, com fumaças de fidalgo e fama de intelligente.

Nicota a principio aborrecia o Bandeira, mas pouco a pouco foi gostando de lhe ouvir as lerias, e por fim até começou a estimar-o como se fosse um parente chegado. E tantas voltas deu, tanto acreditou nas palavras do Lulu, que este, o grande amigo do Gouveia, um bello dia ousou pedir-lhe um beijo... um só... Nicota, porém, honra lhe seja, recusou formalmente, dando as costas ao bilontra.

Todavia, nada communicou ao Cypriano, com medo talvez de um escandalo, e as coisas continuaram como d'antes.

— Gosto do Bandeira, porque é franco e sincero, dizia Cypriano á mulher.

Nicota confirmava :

— Muito franco e muito sincero. E' o teu melhor amigo. Lembra-te, no dia de meus annos, as magnificas pulseiras que elle me deu ?...

— Não...

— O' homem, aquellas de ouro, cravejadas de brilhantes...

— Ah ! sei, sei...

E accrescentou convicto :

— E' um excellente amigo.

*

Nessa tarde, os dous, Bandeira e Gouveia, conversavam, como de costume, ao redor de uma mezinha de ferro, no jardim, depois do jantar.

As plantas dormitavam immoveis...

Nicota escutava-os na cadeira de balanço, arriscando por vezes um aparte indiscreto.

— Então pensas que se deve matar a mulher adúltera, heim !?... exclamou com voz firme o Bandeira.

— Mas sem duvida !

Nicota disfarçou uma commoçosinha, cantando o celebre *addio do Trovador...*

— E's muito rigoroso, Cypriano ! Que diabo ! A mulher é fraca...

— Sou justo, sou digno, e assim deve proceder todo o homem de bem.

— Qual, homem ! A raça humana é fatalmente polygama, por força mesmo de sua constituição physiologica. O instincto sexual chega a ser mais forte na especie humana que nos animaes.

— Queres á fina força justificar a mulher adúltera, meu Jesus Christo...

— Perdão, eu não quero coisa alguma, o que eu quero é provar-te que Othelo, esse personagem medonho, não existe, é uma ficção shakespeareana, é quasi uma excepção na vida conjugal. Lê Balzac (*Physiologia do matrimonio*) e vencer-te-ás de que a humanidade, desde o primeiro pae, tem sido e será sempre um eterno e colossal minotauro, por isso mesmo que é instinctivamente polygama.

— Ha excepções, atalhou seccamente o Gouveia, quasi convencido, com um rubor nas faces.

— Não direi o contrario, mas o certo é que todos querem ser excepções e o rebanho cresce, a legião augmenta prodigiosamente.

*

Começou a chover.

Bandeira deu o braço á Nicota, e o Gouveia seguiu na frente, resignado como um martyr, segurando o lenço em pontas na cabeça para se não constipar.

ADOLPHO CAMINHA.

AGRADECENDO E COMPRIMENTANDO

O director do *Album*, ao retirar-se da capital da Bahia, inserio no *Diario de Noticias*, d'aquella cidade, o pequeno artigo que em seguida reproduzimos :

Não quero retirar-me d'esta bella cidade sem agradecer ao meu amigo e illustre confrade Eduardo De-Vecchi o prazer, que me proporcionou, de visitar as fabricas da Companhia Progresso Industrial da Bahia.

Cem annos que eu viva, não me esquecerei d'aquella encantadora travessia, em lancha a vapor, desde o caes das Amarras até a Plataforma, risinha e formosa povoação, fadada para ser, no futuro, uma das maiores cidades industriaes da America do Sul.

De muito espaço precisaria aqui para dizer as impressões que me ficaram das tres grandes fabricas que visitei, — de fiação e tecidos, camisas e calçado. Limito-me a registrar a minha admiração por tudo quanto vi, desde os machinismos (os mais modernos e aperfeiçoados), até aquelle enxame alegre de raparigas robustas e rochunchudas creanças, arrancadas pelo trabalho á prostituição e ao vicio.

Apenas uma coisa me desgostou: foi ver com marca estrangeira calçado feito na Plataforma. Bem sei que, graças á nossa toleima, todos os productos da industria estrangeira gozam de uma aceitação excepcional nos nossos mercados, e não ha para elles competencia possível; mas — que diabo! — a Companhia Progreso Industrial que, com ser uma grande empresa, não chega para as encomendas, deveria reagir seriamente contra essa toleima.

Comprehendo que se preguem rotulos estrangeiros em tisanas ignobeis e rançosas perfumarias, como se pratica na paciente e longaminosa capital da Republica, mas fazer calçado brasileiro na terra mais brasileira do Brasil, calçado que nada, absolutamente nada fica a dever aos dos mais afamados fabricantes, e pôr-lhe marca estrangeira, é uma coisa inexplicavel e absurda, — pelo menos tão absurda como o caso do pintor ou poeta que, para os seus trabalhos serem apreciados, os assignasse com um nome de emprestimo.

O mesmo aqui se dá com os charutos. Para que esses rotulos de Havana, que, aliás, a ninguém illudem? O charuto da Bahia, meus senhores, hoje se impõe, não á Bahia, não ao Brasil, não á America do Sul, mas ao mundo inteiro, sem precisar recorrer a esse embuste de productores insignes que parecem envergonhados do seu producto.

E' o costume, dir-me-ão; um máo costume, direi, e os máos costumes corrigem-se.

No Rio de Janeiro havia um grande consumo de charutos de Havana e de Hamburgo. A baixa do cambio (*A' quelque chose malheur est bon...*) rehabilitou os charutos bahianos, que têm hoje grande extração no mercado fluminense. Entretanto, releva notar que ninguém os compra julgando comprar havanos ou mesmo hamburguezes, pois nesse ponto — diga-se a verdade — correm parellhas o entendimento do fumante e a lealdade do charuteiro. Não quer isto dizer que não sejam caros, — oh! não! — acabo de comprar aqui na Bahia charutos a 4\$000 o cento, pelos quaes tenho pago no Rio de Janeiro 12\$000 e mais, sem comtudo deixar-me embair por falsos lettreiros em idioma hespanhol. Não me faltava mais nada!

Com que patriotica indignação neste momento saboreio um delicioso charuto comprado alli na casa Danemann, e que se diz de la fábrica de tabacos de hojas escogidas de Vuelta Abajo, calle del Egidio, núm. 6, Habana! Como isto é ridiculo!...

E a graça é que os proprios rotulos tambem são feitos na Bahia! Que o digam os meus amigos Li-

guori, proprietarios da importantissima lytographia do largo das Princezas, que eu tive igualmente o prazer de visitar.

Imponha a Companhia Progreso Industrial os seus magnificos productos como productos nacionaes que são, e a sympathia que lhe consagro será maior ainda, se for possível.

Não ponho aqui o ponto final, sem comprimentar os cavalheiros que me acompanharam nessa inolvidavel excursão á Plataforma:—o portuguez-bahiano José Alves Ferreira, talentoso e incansavel director da Companhia Industrial, continuador das glorias do benemerito Brandão; os referidos irmãos Liguori, um dos quaes, o Hermenegildo, conheci em saudosos tempos artista, e grande artista; o cavalheiro Americo Silvestre Alvares, personificação da amabilidade bahiana; e, finalmente, Eduardo De-Vecchi, a quem peço um cantinho no *Diario de Noticias* para a inserção d'este artigo. Podesse eu incluir nelle todas as impressões que me ficaram d'esta rapida viagem á terra de Castro Alves.

ARTHUR AZEVEDO.

Bahia, 29 de maio de 1893.

A PROPOSITO DO CONCURSO

Se eu tivesse jamais sorte, geito ou sabcença,
De, em portuguez de lei, verter, rimar, compor
O soneto que fez, com arte, zelo, e crença,
Joséphin Soularý, mestre, heróe, sonhador;

Uma satisfação profunda, estuante, immensa,
Viéra me banhar em fé e luz e ardor!
Mas tudo foi em vão... Vela, porfia e pensa
Debalde, quem não for talento, aguiá, condor.

Z. Marcas, Felicar. Liomenil Tange-folles,
Gracchus, Nadir, Gerval (*sem nome*, não te amoles!)
Perdemos o chinez trabalho que empregamos...

Zéca, Semilio, A. Foito, Horacio, Garimpeiro,
Esmeril, e outros mais, do fundo do tinteiro,
Vamos preito render ao guapo Silva Ramos!

UM DOS CONCURRENTES.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

IX

(Continuação)

Escrevêra esta comedia por desfastio; como, porém, todos os desfastios são consequencias de um máo estar anterior, e como ainda este estado

do mesmo organismo pôde ser motivado por causas puramente moraes, o que succede é que o que se faz por desfastio basea-se nos elementos que nos fornecem as causas do nosso máo estar. Foi o que se deu com o medico. O simples factó de Lucio não visitar, havia trinta dias, a familia Blanco, fez com que sobre elle se abatesse um *spleen* profundo, um *spleen* verdadeiramente britânico, londrino; e como a culpada de tudo isso era Dolores, eis que o seu procedimento deu assumpto para a feitura da comedia.

O que o autor fez, para deixar um tanto na penumbra o typo de Dolores, foi carregar as tintas e exagerar o quadro.

O enredo da comedia era, em pouquissimas palavras, este :

« Uma tal Pepa, mãe de seis rapazolas bem nutridos, era ainda sufficientemente fresca para dar á patria outros seis servidores, e isso mesmo em tres annos, se os gemeos lhe fossem *sympathicos*. Mas este phenomeno não se podia dar, porque Pepa enviuvára e, de momento, estava recasada com um senador da Republica que via muito os máos negocios do paiz e era *cego* para *ver* o diabolico procedimento d'essa Byron de saias. Aos sabbados, o senador tinha por companheiro de jantar, de *mate*, de voltarete e de chá, um pelintra Tenorio.

O senador lia-lhe pesadamente os discursos; o rapaz ouvia-os silenciosamente, porque tambem *silenciosamente* se deliciava em admirar o corpo recheado de Pepa, a tentadora. Quando o senador suspendia a leitura para tomar respiro, o Adonis, baptisado na comedia com o cognome de Brisard, francez, para maior caracteristico—e tambem Pepa applaudiam, ao mesmo tempo, com uns *apoiados* coceguentos, que acariciavam a vaidade obesa do senador anemico.

Os pequenos de Pepa iam dormir ao anoitecer. O homem de estado causava-se afinal de ler as suas más obras; vinha-lhe o *remorso* transformado em somno.

Adormecia precisamente no momento em que Pepa e Brisard sentiam que os despertava a voz profunda do amor, planta que se alteia sempre entre dous corações fortes, cheios de muita vida e mocidade. Este amor, porém, era criminoso, podia perder e fazer com que os dous rolassem pelo plano inclinado do adulterio. Brisard, porém, um bello dia, ou melhor, uma bella noite, susteve-se na premeditação de um crime e da traição; lembrou-se de que o seu nascimento era o resultado de um adulterio; sua mãe morrêra assassinada ás mãos do esposo, e elle fôra atirado para a roda dos expostos. Cresceu, indagou e soube a historia da familia, que nem sua podia chamar. Brisard era geologo. Evitou para sempre os discursos do senador e os olhares de Pepa.

Fôra d'este modo o encontro que tivera com *um amor fossil no centro terciario do coração de uma mulher* »

Lucio leu toda a comedia quasi de um folego. Carrero, de quando em quando, applaudia com uns accionados longos de cabeça e *bravos* pronunciados a *mezza voce* para não interromper a leitura.

Ao terminar, o doutor fez como todos os autores, quando leem as suas obras para outros ouvirem: precipitou-se na leitura das ultimas phrases, colheu de uma vez as folhas do caderno e deixou cahir sobre o rosto do amigo um olhar investigador e pesado.

Houve um momento de silencio. Carrero quebrava no crystal a cinza do seu *regalia*.

— Bom! — principiou Lucio, como quem receiava uma desapprovação do seu conselheiro Epaminondas— vejo pela tua augusta e solemne reserva que te não agradou o meu trabalho. Vamos; dize-o claramente...

— Elogios — dispensar-me-ás de t'os dirigir. E's demasiado modesto para te convenceres com elles e fortemente consciencioso para saberes que á tua comedia não faltam condições para entrar no palco de qualquer cidade do mundo civilisado... Entretanto, é tal o conhecimento que revelas n'este teu trabalho, que bem pôde ser que fosse escripto por homem do officio.

— Lisongeiro!...

— Ainda mais; dou-me com o empresario da companhia que ora trabalha no theatro *Solis*. Dá-me, confia-me essa comedia; dirijo-me d'aqui ao *Hotel de Paris*, onde elle mora, e vou ler-lh'a... e protegel-o, dando-lhe essa peça para que a faça representar quanto antes. O diabo é... se...

E n'isto Carrero tomou das mãos do amigo o vulto de papel almaço, abriu-o, aproximou-o do rosto e percorreu-o de alto a baixo com a vista.

— Bem! a letra não se poderá dizer que houvesse sido traçada por um calligrapho, mas pôde ser facilmente comprehendida por um pobre diabo como eu, que, ao par de alguns meritos, tem o de saber ler corrido e sem solettrar...

— Bem — atalhou o doutor — podes levar a comedia. Exijo-te, porém, o maior sigillo sobre o nome do autor. Bem debes comprehendere que a minha profissão é outra que não a de escrever para o theatro. A sociedade de Montevideo ainda concentra muito as suas opiniões e está revestida de preconceitos antiquados. Imagina que o medico veio ao mundo para receitar drasticos e ventosas e amputar á humanidade o que o tempo — como elles dizem — se encarregaria de conservar em perfeito estado.

— Uma vez que assim desejas, facil é cumprir. Nada direi. Antes, porém, de me retirar, preciso que me allivies de certas ideias, que me occorram durante a leitura que acabaste de fazer.

— Dize lá! Interroga.

— Ha duas pessoas (eu e Dolores) que adivinharão todas as indirectas d'esta comedia, se por acaso for representada. E, com mil demonios! Dolores vae nomear o autor, embora os cartazes não

o indiquem. Agora, dize-me com franqueza; durante a minha ausencia houve algum facto de importancia occorrido sobre os *amores* da mãe de Carmen?

— Infelizmente houve, e mais serio do que pensarás é o assumpto que servio de thema para a minha comedia. Dolores hoje não me poderá amar, e sim odiar.

Lucio explicou então ao seu amigo toda a conversa que entretivera com a mãe de Carmen; foi minucioso em todos os pontos escabrosos.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Depois da *Frou-Frou*, de Meilhac e Halévy, deu-nos Sarah Bernhardt: a *Jeanne d'Arc*, de J. Barbier, em que tem duas scenas realmente sublimes; a *Francillon*, de Dumas Filho, que foi até hoje a peça mais bem representada pelo conjuncto da companhia franceza; *La dame de Challant*, dramalhão soporifero do escriptor italiano Giocosa, autor de outro dramalhão *Il conte rosso*, com que o actor Maggi nos fez dormir uma noite naquelle mesmo theatro; a *Fédora*, de Sardou, um dos trabalhos mais brilhantes de Sarah, e, finalmente, a *Phedra*, de Racine, tragedia em que a eminente artista se mostra digna do immortal poeta do grande seculo.

Em todos esses espectaculos, naturalmente nuns mais e noutros menos, Sarah Bernhardt enthusiasinou-nos. O heroismo de Jeanne d'Arc, os caprichos de Francillon e o desespero de Phedra deixaram-nos uma impressão indelevel e profunda. Sentimos não poder communicar todo este enthusiasmo ao publico reservado e frio que concorre aos espectaculos d'essa extraordinaria mulher, que é, no nosso tempo, a expressão mais pura e mais admiravel da arte de representar.

*

O *Amigo Fritz*, de Erckmann e Chatrian, agradeu immenso no S. Pedro. O papel do rabino David foi muito bem representado por Brasão, e Rosa Damasceno intepretou brilhantemente o da ingenua Suzel, se bem que não nos fizesse esquecer a actriz Kerwisch, que desempenhou esse papel quando aqui esteve com o grande Coquelin. Augusto Rosa deu nos um bom Fritz Kobus.

No mesmo theatro tivemos o *Defunto*, de Felinto de Almeida, interessante comedia já representada no Recreio Drammatico

*

A *Taverna* (L'Assommoir), de Zola e Busnach, foi o ultimo espectaculo da companhia portugueza

que trabalha no Apollo. Copeau é, incontestavelmente, um dos melhores papeis do actor Alvaro; que conseguiu impressionar terrivelmente a plateia na grande scena do delirium-tremens. Amelia Vieira é perfeita no papel de Gervasia.

*

No Polytheama continuam os triumphos da companhia Tomba e especialmente da Tetrizzi. As ultimas peças exhibidas foram o *Duquezinho*, de Lecocq; a *Filha do regimento*, de Donizetti, a *Bella Helena*, de Offenback, as *Mulheres guerreiras* e *A' procura da felicidade*, de Suppé. Esta ultima peça não agradou tanto como as outras.

*

No Sant'Anna subio, afinal, á scena a annunciadissima *Conquista dos Talismans*, magica tirada pelo actor Primo da Costa dos famosos *Bibelots du diable*. Ha de tudo na nova peça; de tudo, entenda-se, quanto nesse genero concorre sempre para uma longa série de representações: scenarios e vestuarios espaventosos, visualidades, transformações, machinismos, alcapões, muitas pilherias, muita musica, e um bom desempenho dos principaes papeis.

*

No Variedades e no Recreio continuam em scena o *Diabo Coxo* e a *Volta do mundo em 80 dias*.

X. Y. Z.

Os Srs. Magalhães & Comp., editores, acabam de publicar em volume o interessante romancete *Rose-Castle*, do joven prosador Virgilio Varzea, um dos mais sympathicos e prestimosos colaboradores do *Album*. O unico defeito d'este livrinho é ter apenas oitenta paginas: não lhe podemos fazer maior elogio. *Rose-Castle* é um promettedor ensaio de arrojadissimos vãos.

Os mesmos editores annunciam para hoje, sabbado, 1º de Julho, o apparecimento do novo livro de Affonso Celso, intitulado o *Imperador no exilio*, livro a que sem duvida está reservado exito igual ao que obtiveram os *Vultos e factos* e *Minha filha*, do mesmo autor.

— *Orvalhos* é o titulo de um volumesinho de versos do Sr. Brito Mendes. O poeta revela certa disposição para o genero lyrico, mas foi infeliz na escolha da typographia que se encarregou da impressão do seu trabalho. E' extraordinario que em 1893 ainda se imprima assim. Entre as composições do Sr. Brito Mendes algumas ha que se leem com prazer, mas, repetimos, a typographia estragou metade do effeito que o livro poderia produzir.

— Dos Srs. Fontes & Comp., os novos editores de musica, recebemos um exemplar da bella valsa *Andaluza*, composição do Sr. J. T. Torres, que vae ter, se já não tem, a satisfação de a ouvir executada em todos os pianos d'esta capital.

A impressão da valsa, feita no proprio estabelecimento dos Srs. Fontes & Comp., é realmente primorosa; a capa, com os seus desenhos e os seus caracteres dourados, é a melhor tentativa que aqui se tem feito nesse genero.